



A decadência da língua culta e suas causas

GLADSTONE CHAVES DE MELO
Prof. da UFRJ e UFF

O bom e adequado uso da língua é o documento mais seguro, mais incontestável do nível intelectual e social. É fácil imitar os trajes, os gestos, o ritual da chamada fina convivência, a moradia, seus pertences e adornos, mas a fala trai o **parvenu**, o “paraquedista”, o novo-rico, o impostor.

É este, aliás, o tema de **Pygmalion**, de Bernard Shaw, posto depois, no palco e na tela, sob o nome de **My fair lady**.

Estamos assistindo a uma desastrosa e rápida decadência da língua culta, por todos mais ou menos sentida e denunciada por homens como Abgard Renault, escritor, professor, ex-Ministro da Educação e membro do Conselho Federal de Educação.

A extensão e a profundidade do mal é maior do que se cuida, primeiro porque não atinge apenas os alunos das escolas superiores, mas também inúmeros indivíduos “formados” em diversas especialidades nas carreiras ditas liberais; segundo, porque não se trata apenas de defeituoso manejo da língua, senão de inegável inófia ou confusão mental.

Realmente, são tão estreitas e íntimas as relações da palavra com a idéia, do discurso com o pensamento, que não é possível dissociá-los.

Freqüentemente, o aluno (para ficarmos só nele. . .) se escusa do mau sucesso, da ignorância, alegando “sei, mas não sei dizer”. Ao que retruco sempre: “então não sabe, porque se de fato o soubesse, saberia dizê-lo”.

É muito importante distinguir, e graduar, o erro de língua e o erro de linguagem. Um enunciado sem sentido, ou com as palavras tropeçando umas nas outras, a falta de plano e organicidade, a desarrumação das idéias, o amon-

(*) Conferência pronunciada em 8-7-1976 na Confederação Nacional do Comércio, e publicada na *Carta Mensal* da mesma instituição, Ano XXII, nº 259, Rio de Janeiro, outubro de 1976 pp. 9 - 22.

toado de conceitos, mais ou menos desconexos, num período longo e sem ritmo, a pontuação agramatical e descompassada e o que mais seja nesta pauta são erros em qualquer língua, porque traduzem pensamento tortuoso ou caótico. Usar **esse** por **este**, dizer “implicar em” por “implicar” seguido de objeto direto, “atingir a”, em vez de simplesmente “atingir”, “fazem dez anos”, em lugar de “faz dez anos” constituem violações da norma, ou melhor, do padrão vernáculo, são erros de português, facilmente corrigíveis pela simples admoestação, pela simples instrução de pormenor.

Muito mais difícil, quando não impossível, é o conserto da baralhada e confusão das idéias. Isto exige uma paciente e diuturna aplicação dos métodos socráticos de ironia e maiêutica, sistemáticos exercícios de definição, acurado esforço de disciplina do pensamento.

São muitas as causas desse mau estado de coisas. Vamos aqui apontar algumas, sem cuidado de prioridades, porque, de fato, são concausas a produzir o mesmo desastrado efeito.

Em todo caso diríamos que lugar de honra cabe a um dos característicos mais sensíveis da crise em que vivemos, no Brasil e em todo o Ocidente (pelo menos). Refiro-me ao pragmatismo, ao imediatismo e ao tecnicismo, que se tornaram os norteadores da sociedade de consumo, ou permissiva, conforme a perspectiva escolhida.

O estudo da língua, a leitura atenta de bons modelos, o amor pela expressão exata e bela deixaram de interessar, porque nada rendem, não se traduzem em cruzeiros, ou dólares. Que fiquem com tais preocupações os “idealistas”, os maníacos, os inadaptados ao ritmo da nossa civilização em veloz mudança, os “quadrados”, os que não têm ocupação séria, os reacionários, que se querem opor ao processo histórico. A nossa era é dos “executivos”, dos homens práticos, que não se preocupam com frioleiras.

Paralelamente vai surgindo, ou ressurgindo, a tese de que se deve escrever como se fala, ou que a “língua brasileira” é diferente da portuguesa e que, portanto, não nos devemos submeter aos cânones lusitanos.

Quanto à autonomia e individualidade do “brasileiro”, já escrevi um livro, ora em terceira edição, e não vou repetir aqui os argumentos essenciais, bastando apenas anotar que nenhum especialista admite a diversidade de sistema entre Portugal e Brasil, mas apenas de norma consuetudinária ou de “estilo nacional”, como prefiro dizer.

Quanto a escrever-se como se fala é uma tese que só pode revelar muito pouca observação por parte do defensor e sua rasa ignorância no assunto.

Fala-se de muitas maneiras. O mesmo indivíduo usa a língua de modos diversos, conforme a situação concreta do diálogo ou da comunicação. Os modernos linguístas usam o termo **registro** para designar os diferentes tons. Conversando com amigos íntimos, usamos certo vocabulário e certos giros de frase; com desconhecidos, outros; com crianças, tais outros; com um inculto homem do povo, com um superior, com uma pessoa de cerimônia, com um estrangeiro, a mesma adequação. O orador que fala de improviso faz determinadas escolhas de acordo com seus objetivos e com o tipo de auditório.

Assim, variam ao extremo os diversos **registros** da fala, incluindo-se entre os cambiantes a pronúncia dos vocábulos e a construção da frase. Mais: na língua falada quase sempre predomina o **contexto** sobre o **texto**, para usar uma distinção de Sechehaye. Concretizando: o falante, ou emissor (como hoje se prefere dizer) emprega mais recursos extralingüísticos do que palavras bem executadas numa estrutura sintática normal. É a gesticulação, o olhar, as modificações de fisionomia, as comparações com objetos circundantes apontados com o dedo, é a utilização dos pressupostos.

Quem escreve está privado de quase todos os recursos contextuais. E jamais, pela própria natureza do fenômeno lingüístico, poderá escrever como fala, exatamente porque ele fala de muitas maneiras, conforme as circunstâncias, e emprega elipses, anacolutos, meias-frases que o interlocutor completa e interpreta.

A língua escrita também apresenta variantes, **registros**, diversos, conforme a situação e os objetivos em vista. Há, por exemplo, a língua escrita comum (ou informal), que é a do noticiário ou dos editoriais dos periódicos, a das comunicações, das conferências. Existe a língua literária, com preocupações estilísticas, de expressividade e impressividade, **Kundgabe** e **Appell**, na terminologia de Bühler. Nesta mesma língua literária ocorrem cambiantes bem sensíveis, como a da prosa e a da poesia. Na prosa, se se trata de ficção — romance ou conto — há sempre variados tons, o do narrador (quando o autor fala por conta própria) e os dos personagens, em que o autor procura abeirar-se da língua coloquial adequada, para dar impressão de realidade. É o que certos estilicistas chamam “efeitos de evocação”.

Em **Quincas Borba**, por exemplo, Machado de Assis faz o Camacho escrever um artigo político oposicionista, que é apreciado e emendado por Rubião, de quem o autor queria o dinheiro. A linguagem usada pelo Major Siqueira é diferente da usada por Carlos Maria ou por D. Fernanda, por Sofia ou por Palha. E assim, em qualquer romance. Só no Romantismo é que não raro todos os personagens têm uma linguagem alcandorada, exatamente porque não são personagens, mas símbolos.

Por mais variados que sejam os usos lingüísticos, sempre se estabelece, numa comunidade que atingiu certo nível de civilização, uma forma ideal de linguagem articulada.

É a língua-padrão, trabalho de muitos ao longo dos anos, escritores, oradores, gramáticos, vernaculistas, lexicógrafos, poetas.

Vale a pena trazer à colação um texto de Vendryes, que, com muita propriedade, caracteriza, para o francês, essa forma de expressão:

“Ao esforço combinado dos literatos e dos gramáticos é que devemos os francês que aprendemos na escola. Eles forjaram para nós esse belo instrumento, diligentemente velando para que nenhuma ferrugem o macule. A depuração da língua, perseguida durante séculos, poderá parecer trabalho de chicana mesquinha e pedantesca, mas tiramos dele proveito bastante para sermos reconhecidos aos que o levaram a cabo. Graças aos mestres-escolas aplicados ao estudo dos escritores, temos, para exprimir nossos pensamentos, a mais adequada forma, uma língua cujas palavras, todas, têm sentido exato, cujas expres-

sões e construções foram todas fixadas, em seus matizes e finuras. Podando da língua escrita tudo que ferisse a naturalidade e o bom-gosto, submetendo-a sempre às regras da razão e da polidez, eles a tornaram capaz, como diz Bouhours, de “sustentar as matérias mais fortes e de elevar as mais fracas”; adaptaram-na, em suma, a todas as exigências do espírito. E a língua comum largamente se beneficiou com o trabalho que eles realizaram: ganhou clareza na elegância, precisão na variedade, e, segundo Rivarol, “a probidade unida a seu gênio”. (*Le langage*, Paris, 1950, pp. 323-324).

Esta norma culta, esta língua-padrão, como, aliás, ficou dito no trecho que acabo de transcrever, decorre de um longo processo decantador, e entre outras, tem a vantagem de ser instrumento de comunicação rico, isento, acróstico e supra-regional. Camões ou Vieira, Cláudio Manuel da Costa ou Garrett, o Visconde de Taunay como Eça de Queirós podem ser lidos hoje por qualquer pessoa realmente alfabetizada e serão plenamente entendidos e corretamente interpretados.

Variam as circunstâncias históricas de fixação dessa língua-comum. Muitas vezes é o dialeto da Corte que, enriquecido e aperfeiçoado, vem a ser por todos aceito; outras vezes, sobretudo nos casos de intensa diferenciação interna, como na Itália ou na Alemanha, é o prestígio de determinado escritor que decide a escolha: Dante, Lutero, trabalhando um a linguagem de Florença, polindo outro a língua da chancelaria da Saxônia. Pode também ser o prestígio de uma cidade, como ocorreu na Grécia, em que se firmou uma *coiné diálektos*, à base da fala de Atenas.

Firmada a escolha, a forma ideal vai sendo opulentada ao longo do tempo, discretamente acolhe neologias e tende a se manter una, oferecendo muito menor número de fenômenos de arcaização do que as falas coloquiais, distensas ou populares.

Victor Henri fez há quase um século uma distinção, ainda inteiramente válida, entre “língua transmitida” e “língua adquirida”, que se vai aprender à escola e, nos melhores casos, se continua a aprender pelo resto da vida, sempre com esforço, sempre com atenta pesquisa, sempre com a freqüentação dos autores modelares.

E aqui chegamos a um ponto importante: os métodos de ensinar a língua. Vêm eles sendo, de há muito, viciosos ou deformadores. Mas agora a coisa anda pior.

Esse aprendizado deveria completar-se já no curso secundário, que, em boa pedagogia, se destina à formação de uma cultura geral básica e ao desenvolvimento harmônico das faculdades do adolescente. Na realidade brasileira passou a ser mera passagem, mera ponte para atingir o curso superior. Como se não bastasse essa pragmatização e ancilaridade, a última reforma tornou-o profissionalizante.

E para mal de pecados, aqui no Estado do Rio de Janeiro, o Conselho Estadual de Educação situou o português na área de “comunicação e expressão”, ao lado de Educação Física, Artes Plásticas, Música e Língua Estrangei-

ra. Em vez de notas, conceitos – A,B,C,D,E. E tais conceitos são dados por área, de modo que, se um aluno tiver E em Português, mas A e B em Educação Física e Música, passa facilmente.

Aliás, infiltrou-se e vai-se tornando vitoriosa a idéia de não se reprovarem alunos. Seria psicologicamente mau para eles. Então, só conta a escolaridade, a quantidade, deixando-se de lado a qualidade.

Acrescente-se a isso o vestibular por computador, e o resultado é fatal: massificação, mecanização, respostas lançadas à sorte, a ausência de real verificação de conhecimentos. É apenas eficiente, no sentido material da palavra.

Mas não paramos aí. Anda muito defeituosa a formação do professor de Português nas nossas Faculdades de Letras.

A Lingüística Geral, pós-saussuriana, enveredou pelos caminhos, ou des-caminhos, do Estruturalismo. Com várias correntes, talvez repartidas entre européias e americanas.

Surgiu uma nomenclatura ultra-pedante e, pior, equívoca. Por exemplo: **lexema** ora é a raiz, ora é o que noutros tempos se chamava, simplesmente e chãmente, “palavra”. **Sintagma** pode ser um grupo de força dual, como, por exemplo, “**linda paisagem**”, pode ser um conjunto subordinado com conectivo: “**torre de marfim**”; pode ser uma seqüência coordenativa: “**legumes e frutas**”; pode ser uma oração, um período, uma página, um livro inteiro. O termo foi criado por Saussure, que assim o caracteriza: “No discurso, as palavras contraem entre si, por força de seu encadeamento, relações fundadas no caráter linear da língua, que exclui a possibilidade de pronunciar ao mesmo tempo dois elementos. Estes se dispõem uns em seguida aos outros na cadeia da fala. Essas combinações que têm por suporte a extensão podem ser chamadas **sintagmas**. Portanto, o sintagma se compõe sempre de duas ou várias unidades consecutivas (por exemplo: **re-ler; contra todos; a vida humana; Deus é bom; se fizer bom tempo, sairemos**, etc.). Colocado num sintagma, um termo só adquire valor porque se opõe ao que o precede ou ao que vem em seguida, ou aos dois.”⁽¹⁾

A partir daí os diversos lingüístas passaram a interpretar e aplicar a palavra de modo muito ambíguo e vago, o que, necessariamente, gera confusão.

Por outro lado, o circuito lingüístico, a relação falante-ouvinte, foi posta em termos de Cibernética: emissor, receptor, mensagem, código, descodificação (ou “decodagem”, segundo outros, que também traduzem “écriture” por “escritura”).

As diversas correntes estruturalistas e uma das últimas variantes, a gramática gerativa-transformacional, levam a extremos de minúcia a análise lingüística (o que corre parêlhas com a referida dubiedade ou equivocidade de muitos termos), são muito abstratas e herméticas e praticamente só trabalham com material da língua corrente. É o princípio da **sincronia** levado ao último exagero.

Até aqui vamos bem (ou mal!). Acontece que os esquemas e conceitos e técnicas da Lingüística Geral invadiram o ensino da língua portuguesa e tornaram-se exclusivos.

(1) *Cours de Linguistique Générale*, Payot, Paris, 1931, pp. 170-171.

Em consequência, os alunos das Faculdades de Letras passaram três anos ouvindo abstrações, termos novos e mal explicados, conceitos confusos ou inassimilados, por vezes mistura de correntes, eventualmente conflitantes, e de língua portuguesa mesmo nada aprendem.

Quando vão para o magistério, ou ficam desnorteados, ou tentam impingir aos secundaristas aquela coisa pedante e muito mal digerida. O resultado é fácil de prever. . .

Já não se sabe classificar palavras, reconhecer funções sintáticas, decompor vocabulos.

Qualquer construção que fuja ao coloquial, qualquer palavra menos vulgar, menos correntia representam obstáculo intransponível à “descodificação”. Os melhores autores em língua portuguesa, os que a conheceram a fundo e a empregaram com segurança e arte ficam esquecidos, quando não são acusados de “chatos” e ilegíveis, julgamento apriorístico, atitude semelhante à da raposa perante as uvas muito altas para seu alcance.

Trabalha ainda contra o aprendizado da língua culta uma causa aparentemente de pouca monta: são as histórias em quadrinhos.

Já vêm elas de muito tempo e são cada vez mais numerosas e apreciadas. As crianças e os adolescentes quase que só lêem tal literatura. O resultado é que ficam incapazes de descrever uma situação, uma paisagem, um cenário. Exatamente porque essas coisas são fornecidas em imagens visuais. De texto, só há diálogos e assim mesmo de baixo tom, com frases truncadas, com termos vulgarmente chamados “de gíria”. Coloquial distenso ou fala popular.

Falta a essa pobre gente, à geração sacrificada ao pragmatismo do curso secundário, às histórias em quadrinhos e ao estruturalismo lingüístico falta-lhe formação e informação. Comunicam-se mais por gestos e acenos do que por palavras encadeadas e arrumadas na frase.

Não têm modelos — paradigmas, hoje —, não retiveram na memória sintagmas vários, adjetivação correta e própria, verbos adequados, substantivos realmente significantes. Anda-lhes pela cabeça uma salgalhada, um estado caótico de pensamento, uma invencível dificuldade de definir, de qualificar, de nomear, de circunstanciar.

Abro aqui um parêntese, para dizer que a lingüística contemporânea não tem critérios para caracterizar o uso culto, do qual resultaria a norma gramatical. Porque uma das atitudes dos modernos lingüístas é fazer da língua uma espécie de *ens a se*, um ser auto-suficiente, capaz até de fornecer a própria epistemologia. Isolaram a língua da cultura, da história, da psicologia, da lógica e tratam-na como um objeto explicador de si mesmo.

Todos os conceitos têm de ser formulados em termos lingüísticos, das partes que compõem a estrutura, até o fonema e os alofones.

Isto faz lembrar um judicioso capítulo de *A Descoberta do Outro*, de Gustavo Corção: “Onde um gato é um gato”. . .

Nenhuma ciência pode bastar-se a si mesma, nem, muito menos, fazer abstração do bom-senso e do senso-comum.

Tenho a impressão de que no Brasil dos últimos tempos, exerceram maior influência os diversos estruturalismos norte-americanos, que nasceram e se desenvolveram do esforço de descrever línguas indígenas sem escrita, portanto sem tradição cultural.

Estabelecidos os modelos e os processos de análise descritiva, procuraram os novidadeiros aplicá-los a línguas complexas, de longa tradição literária e expressadoras de conceitos variadíssimos e eventualmente complicadíssimos. O resultado tem sido uma simplificação deformante, e a tarefa, no meu entender, inglória, de descrever a língua à base de estruturas mais ou menos rudimentares, da linguagem coloquial distensa, estruturas (ou frases) compostas pelo próprio autor ou tomadas a um informante qualquer, sob escolha (em última análise) arbitrária.

Se o lingüista não quer valer-se de nenhum recurso extra-lingüístico para caracterizar o **esquema**, **estema**, **sistema** ou **estrutura**, como poderá proclamar determinado uso como **culto** e a propósito falar em “Gramática Normativa”? E onde encontrará esse uso culto? Na fala de determinadas pessoas. Mas, . . . quais? Ricas, medianas, com escolaridade secundária, com escolaridade superior? E se encontrar variações contrastantes?

Antioquia ou **Antióquia**? **Ávaro** ou **avaro**? **Púdico** ou **pudico**? **Íbero** ou **ibero**? **Nós vimos** ou **nós viemos**, como presente de **vir**? **Através grandes** dificuldades ou **através de. . .**? **Para mim fazer** ou **para eu fazer**? “Eu o vi na festa ontem”, ou “eu lhe vi. . .”? “Joaquim, ele fez isso”? ou “Joaquim fez isso”? “O pagamento será ainda esse mês” ou “este mês?”

E por aí fora. Todas essas prosódias e sintagmas, e muitos se ouvem da boca de gente “cultu” (apesar de o lingüista não ter elementos lingüísticos intrínsecos para qualificar os falantes) Claro que para a **Lingüística** tanto faz “nóis tudo deu cos burro nágua” como “todos nós fomos mal sucedidos”.

É verdade que já começa uma reação contra o extremo descritivismo, o larvar empirismo e a pura fenomenologia da atual Ciência da Linguagem. É a **Sociolingüística**, que nasce ou renasce vigorosa, arrombando portas abertas. E até nos Estados Unidos vêm surgindo críticas a esse descritivismo minucioso e material.

Já não quero falar de Chomsky, porque, além de complicado e multifacetado, é também ele estruturalista. Em todo caso, num livro de estranho título, **Cartesian Linguistics**, denuncia o empirismo das modernas posições, acena para a necessidade de uma teoria explicativa dos fenômenos e vai buscá-la à **Grammaire générale et raisonnée** de Arnauld e Lancelot, de 1660, e à **Logique de Port Royal**, do mesmo Arnauld (1662), que realmente é aristotélica e não cartesiana.

Daí a sua distinção entre “estrutura superficial” e “estrutura profunda”, cuja explicação, aqui e agora, não tem cabimento.

Os “esboços estruturais” da **Linguistic Society of America**, que deveriam fornecer rápidas sínteses descritivas de línguas de cultura, levaram um Robert Hall, por exemplo, a ter amargos dissabores, com sua descrição do francês, duramente criticada por Martinet, que disse do autor do **Esboço** ter

feito a priori idéia de como devia funcionar uma língua e não tratou de investigar se o francês se enquadrava nesse pré-juízo ou não. E realmente não se enquadrava. (2)

E Gordon Messing, já em 1951, considerava errado imaginar que as mesmas técnicas de descrição possam ser aplicáveis a línguas indígenas e línguas de civilização. “Uma língua literária e culta propõe ao lingüista um material de natureza muito mais complexa que uma língua nativa, e não seria razoável supor que a descrição altamente esquemática dos tais “esboços lingüísticos” dê uma imagem adequada do estado da língua. E exemplifica com os graves erros cometidos por lingüistas mal preparados, ao analisarem várias línguas, como o turco, por exemplo, porque lhes faltava conhecimento elementar de contactos culturais e de empréstimos” (3).

No Brasil os resultados não têm sido mais animadores, e os alunos muita vez saem das Faculdades de Letras incapazes de “ler” e analisar um poema de Bilac ou, muito menos, um sermão de Vieira. Falta-lhes vocabulário e, principalmente, inteligência das construções propriamente literárias, mais trabalhadas, mais requintadas, mais em harmonia com uma bela tradição brasileira de vernaculidade.

A invasão, a que me referi, da Lingüística teórica no ensino de Português tem-se traduzido, freqüentemente na recusa dos bons modelos e na análise de letras de canções populares ou de conversas de botequim.

Já o Modernismo entrou iconoclasta, reagindo **sadiamente** contra o purismo exagerado e anquilosado, e um pouco **infantilmente** contra o rico patrimônio da boa língua, cultivada com amor e carinho.

Com o tempo foi perdendo a graça o “escrever mal” e alguns autores reataram a tradição partida, como é o caso de um *Ciro dos Anjos*, de um *Graciliano Ramos*, de um *Pedro Nava*.

Guimarães Rosa fez época e teve época, mas descambou para um idioleto muitas vezes incompatível com o sistema da língua, sobretudo pelas neologias vocabulares, que ultrapassaram de muito as maiores ousadias dos poetas avezados às “licenças”. **Grande Sertão: Veredas** oferece ampla e fácil documentação.

Aí vão algumas amostras: *alalã*, “que forma alas”; *aliorolé* (indecifrável) – “Aí quem era que me vencesse, nesse dever, aliorolé, quem podia afrontar minha presença, feito morro padraço?” (p. 491, da 1ª ed., José Olímpio, Rio, 1956); *alopro*, derivado regressivo de *aloprar*; *arga*, “angústia”, à base, arbitrariamente, do adjetivo grego *argaléos*, “penoso, aflitivo”, quem nem sequer passou ao latim clássico; *arrebrusco*, “bruscamente”; *dalalalar*, talvez onomatopáico de “crepitar” – “Aquilo bonito, quando tição aceso estala seu em faisca – e labareda dalalala” (p. 310); *gagaz*, “muito gago”; *lobum*, “semelhante a lobo”; *manhãzar*, “amanhecer”; *madrugança*, “madrugada”; *pim*, talvez “pingo” – “Não discrepou *pim* de surpresa” (p. 91); *rapaziagem*, “rapaziada” – “Chusma de gente corajada, rapaziagem dos campos” (p. 46);

(2) Cfr. Bertil Malmberg, *Los nuevos caminos de la Lingüística*, trad. de Juan Almela, Siglo Veintiuno Ediciones, México, Argentina, Espanha, 1967, pp. 203-204.

(3) Id., *ibid.* p. 204.

refavas, “muitas favas”; **sugre**, talvez advérbio, com sentido de “inopinadamente” — “E a gente, nós, estouramos para o centro, a surto, sugre, destrambelhando na polvorada” (p. 505); **tarabuz**, talvez “bulhento” — “Remexeu, tarabuz, e tudo foi arrumando na mesa grande do quarto” (p. 128); **visler**, “adivinhar” — “Visli a sorradeira malícia nos jeitos deles” (p. 437). E por aí fora (4).

Como fugi um pouco do assunto, abro um parêntese para comentar a incoerência humana: os mesmos sujeitos que excomungam Coelho Neto, por ele ser palavroso e um tanto rebuscado, admiram e exaltam Guimarães Rosa, que o é muito mais. Quando da morte do escritor, um jornal de responsabilidade, aqui no Rio, classificou Rosa como o maior escritor em língua portuguesa, de todos os tempos. .

Nem se diga que tal prestígio alcançou o contista e romancista por ter versado assuntos sertanejos: Coelho Neto também tem um livro chamado **Sertão** (Rio, 1896, com última edição em 1933).

Abro um segundo parêntese, para admirar perdidamente Meyer-Clason, que verteu para o alemão Guimarães Rosa. Dando-lhe eu parabéns pela façanha, pedi-lhe que um dia, com mais vagar, traduzisse o mesmo Rosa para o português.

Retomando o fio: se os alunos das Faculdades de Letras estão, cada vez mais, aprendendo **Linguística Estrutural** em vez de **Língua Portuguesa**, fonologia, morfologia, morfo-sintaxe, sintaxe e semântica, no campo da literatura estão-se indigestando com as modernas teorias, nascidas, a meu ver, do contúbio do formalismo russo, requentado, com o estruturalismo.

Aqui, o abstrato do abstrato, o hermetismo e a pedanteria chegam a extremos tais, que os leitos e os pedestres não podem sequer imaginar.

A novacrítica se pauta por esses esquemas, enumera os actantes, esmiúça diversos “cortes”, oferece “leituras” diferentes, discute se a obra é aberta ou fechada, analisa segmentos, denuncia figuras, discretamente tomadas à velha Retórica, amaldiçoada mas ressuscitada, inclui Freud como tempero e às vezes como substância, e jamais diz se o romance, o conto ou o poema é bom ou mau. Nada de juízos de valor, nada de qualificativos. Só técnica requintada e impenetrável ao comum dos mortais, inclusive aos próprios autores submetidos a essa análise espectral.

Carlos Drummond de Andrade, vítima predileta de muitos neo-analistas, perdeu a paciência e excomungou-os num poema entre chistoso e indignado, que me permito transcrever, inclusive pela feliz apreensão, que o poeta conseguiu fazer, da terminologia rebarbativa e dos nomes de alguns deuses:

(4) Colho estes exemplos em Nei Leandro de Castro, *Universo e Vocabulário do Grande Sertão*, Livr. José Olímpio Edit., Rio, 1970.

EXORCISMO

Da leitura sintagmática
Da leitura paradigmática do enunciado
Da linguagem fática
Da fatividade e da não fatividade na oração principal

Libera nos, Domine

Da organização categorial da língua
Da principalidade da língua no conjunto dos sistemas semiológicos
Da concretez das unidades no estatuto que dialetaliza a língua
Da ortolinguagem

Libera nos, Domine

Do programa epistemológico da obra
Do corte epistemológico e do corte dialógico
Do substrato acústico do culminador
Dos sistemas genitivamente afins

Libera nos, Domine

Da camada imagética
Do espaço heterotópico
Das relações entre topos e macrotopos
Do elemento suprasegmental

Libera nos, Domine

Da semia
Do sema, do semema, do semantema
Do lexema
Do classema, do mema, do sentema

Libera nos, Domine

Da estruturação semémima
Do idioleto e da pancronia científica
Da reiiabilidade dos testes psicolingüísticos
Da análise computacional da estruturação silábica dos falares regionais

Libera nos, Domine

Do vocóide
Do vocóide nasal puro ou sem fechamento consonantal
Do vocóide baixo e do semivocóide homorgamico
Do glide vocalico

Libera nos, Domine

Da lingüística frástica e transfrástica
Do signo cinésico, do signo icônico e do signo gestual
Da clitização pronominal obrigatória
Da glossemática

Libera nos, Domine

Da estrutura exo-semantica da linguagem musical
Da totalidade sincrética do emissor
Da lingüística gerativo-transformacional
Do movimento transformacionalista

Libera nos, Domine

Das aparições de Chomsky, de Mehler, de Perchonock
De Chaussre, Cassirer, Troubetzkoy, Althusser
De Zolkiewski Jakobson, Barthes, Derrida, Todorov
De Greimas, Fedor, Chao, Lacan **et caterva**
Libera nos, Domine. (5)

Muitas são as causas do descalabro a que chegou a língua culta no Brasil, o que já está exigindo de muitas empresas a contratação de “redatores” encarregados de pôr em termos limpos e compreensíveis as moxinifadas até de altos funcionários.

Apontei algumas, em cuja análise me detive um pouco. Chamarei a atenção para outras, já agora numa atitude de quase só arrolamento.

O professor não recebe estímulos; é posto diante de turmas numerosas onde seria materialmente impossível ensinar a falar e a escrever; percebe salários irrisórios (bastando dizer que um catedrático de Universidade federal, que esteja em regime de doze horas semanais, até março deste ano não chegava a atingir 3.000 cruzeiros mensais); muitas vezes tem de desdobrar-se ou tresdobrar-se para viver. Então, cada dia mais freqüentemente substitui as tarefas tradicionais por uma “pesquisa”, não raro feita por mães, tias, avós ou amigos, à base de cópia literal de artigos de enciclopédia. Um empulhamento geral e consentido.

As coisas no Brasil quase sempre funcionam à feição da exuberância tropical. Aberto um caminho, ensaiado um sistema, iniciado um processo, em dois tempos, por imitação, emulação ou rivalidades aldeãs, assiste-se a um progresso vertiginoso e muita vez apenas quantitativo, material.

Foi o que se deu, por exemplo, com as Faculdades de Letras (ou de Filosofia Ciências e Letras). Criou-se a primeira em 1934, S. Paulo; a segunda em 1935, Distrito Federal. Em 1939 surgiu a Faculdade Nacional de Filosofia, com treze cursos, destinada, na intenção, a ministrar cultura superior desinteressada e a formar professores de curso secundário, até então improvisados e autodidatas.

Hoje, quarenta anos depois, existem cerca de setecentas dessas Faculdades, algumas vivendo em regime de esforço concentrado, com aulas sabatinas ou sabáticas. O corpo docente é recrutado entre os “homens bons” do lugar, e importam-se outros, para o esforço concentrado ou, em alguns casos, para darem o nome.

(5) In *Jornal do Brasil*, Rio, Caderno B, p. 5, nº de 12-4-1975.

De quando em quando, uma Faculdade de centro mais importante organiza um curso de “reciclagem”, freqüentemente entregue a mestres sabedores ou indigestados com as novas teorias lingüísticas e literárias, e são convocados os docentes vizinhos (ou distantes), secundários ou superiores, para se porem a par das novidades.

Como hoje o “título” vale mais que a ciência e como os professores precisam de “incentivos” para vencerem mais uns tostõezitos, lá vão eles, não raro com grande e comovente sacrifício, a receber as aulas de modernices.

Tímidos, com complexo de inferioridade, pensam que o certo é aquilo, é substituir o ensino de Língua Portuguesa pelo ensino de Lingüística teórica gerativo-transformacional, e o de Literatura, pela ministração de Todorov, Greimas, Lacan. Estudo sobre, em vez de ensino de: teorias sobre o português, em lugar de, simplesmente, Língua Portuguesa; teorias sobre poesia, romance e conto, em lugar de, singelamente, períodos da história literária, movimentos, escolas, autores e livros. Técnicas de requintadíssimas análises, mais ou menos estratosféricas, em vez de leitura de textos.

E a pobre gente toma aos penates com o corpo lasso e a cabeça a ferver.

Ganharam um título e voltaram mais confusos, mais complexados, às vezes pedantes e contemptores dos simples mortais, pedestres que ainda ensinam regras de gramática e pedem críticas “impressionistas” sobre os autores consagrados de cada escola ou movimento.

Numa Carta de Leitor, do *Jornal do Brasil* (14-6-1976), o Sr. João Rosalvo Pimentel da Costa, protesta contra esse estado de coisas, e diz, por exemplo, isto: “Sou professor de Português. Uma aluna da 1ª série do 2º grau, por errar bastante em questões de sintaxe e até conjugação verbal, disse-me (os colegas confirmaram): Durante os quatro anos de ginásio, eu só aprendi comunicação e nada de Português. Passei os quatro anos fazendo interpretação de textos e a teoria da comunicação mais nada. . . Nisto, outro aluno fez-me um aparte. Eu queria ver um guarda de trânsito dizer — **O senhor está multado porque o signo lingüístico não verbal está vermelho e o Sr. o ultrapassou.** Aquilo é sinal de trânsito. Por que vou aprender na escola que é **signo lingüístico não verbal?** Outro aluno, entusiasmado, interpelou: Quando a Rádio Mundial estiver com transmissão defeituosa, vou ligar para lá e dizer — Está havendo uma entropia em sua comunicação, pois meu receptor não recebe bem a mensagem do transmissor. Assim eu não vou poder decodificar sua comunicação não verbal, a não ser que os senhores estejam comunicando através de **logotipos.**”

Está claro que o professor está fazendo sua própria crítica e, para efeito literário, põe as observações na boca de seus alunos. Digo isto, porque, se ele tivesse tais discentes, seria um privilegiado. As frases têm sentido, o conteúdo das modernices está assimilado e foi utilizado com ironia.

No início desta palestra eu disse que não iria dar prioridades às causas que alinhasse, por serem convenientes a um mesmo efeito.

Agora, corrijo-me. Há uma causa que prevalece às demais. É o estado

caótico em que se acha o pensamento de muitíssimas pessoas, mormente as que ainda não chegaram ao **mezzo del camin**, as que estão navegando para os quarenta anos.

O homem moderno recebe um mundo de informações, diferentes, divergentes e truncadas, que lhe entram pelo rádio, pela televisão, pelo jornal, pelo cinema e lhe povoam a memória com farrapos de conceitos, com fatos baralhados, com números e medidas confusas, com notícias tendenciosas, com falsos raciocínios, já feitos e repetidos à maneira de estereótipos ou **slogans**.

É uma situação muito semelhante à do ascensorista de um edifício alto cheio de escritórios e repartições. Nas viagens de subida e descida, ele vai ouvindo trechos de conversas várias: uma que pára no sétimo andar, outra que se prolonga até o décimo-terceiro, tal outra que entra, já pela metade, no oitavo e se interrompe, sem conclusão, no décimo quarto.

Essa pobre criatura é candidata ao manicômio. Sua defesa será desligar a atenção e pensar na vitória do Flamengo ou do Botafogo.

O que falta, portanto, ao homem de hoje é integração da personalidade, é reflexão, é formulação de idéias próprias, é, numa palavra, vida interior. Não me refiro à espiritual ou à sobrenatural, mas à natural, da inteligência e das outras faculdades cognitivas: imaginação, atenção, memória.

E faltando-lhe a vida interior, necessariamente carecerá ele de expressão concatenada e decifrável. Falece-lhe a **palavra**, no sentido próprio e mais profundo do termo.

Tem, neste ponto, toda a razão o pedagogo italiano Lombardo Radice, quando escreve: “Chi ha chiara a se stesso la sua vita interiore, quegli **parla**; e parla una lingua **sua**, cioè, ha una sua individualità artistica, avendo messo il suggello della sua anima in ogni parola, in ogni gesto, in ogni segno con cui gli convenga di estrinsecare ciò che dentro lo fa vivere: imagine, affetto, ragionamento; visione, dramma, verità.” (6)

Lombardo Radice nasceu em 1879 e morreu em 1938. Mas um autor muito recente e muito da moda, Roland Barthes, faz uma observação que afina com a do siciliano, embora sejam muito diferentes as posições e a especialidade de cada um. Barthes, um dos papas da moderna Teoria da Literatura, vê no estilo “uma linguagem autárquica, que mergulha na mitologia pessoal e secreta de um autor, nessa hipofísica da fala, onde se forma o primeiro conúbio das palavras e das coisas, onde se instalam, de uma vez por todas, os grandes temas verbais de sua existência.” (7)

Junto com tantos outros aponte o mal e analisei algumas de suas causas. O problema não é gramatical, nem estilístico, nem literário. É muito mais sério e muito mais grave, porque afeta, como disse, a cultura e a civilização.

A continuar assim, chegaremos a um estado em que ler e escrever seja uma profissão definida e categorizada, talvez até bem paga, porque o comum das pessoas usará linguagem gestual acompanhada de um bla-blá-blá incapaz

(6) *Lezioni di Didattica e ricordi di esperienza magistrale*, 16ª. ed., 1936, p. 167.

(7) *Le degré zéro de l'écriture*. Editions du Seuil, Paris, 1953, p. 19.

de ultrapassar o circuito lingüístico mínimo: falante-ouvinte.

Embora não seja esta uma casa de ensino, embora não se dedique ao magistério do vernáculo nenhum dos ilustres membros deste colegiado, que já tem sido chamado “forum de debates”, apesar disso, ninguém se pode esquivar ou dar de ombros, porque só há um meio de comunicação entre os homens — a língua —, cujo estudo e cultivo cabe a todos, cada qual na sua esfera e na sua especialidade.

Termino com Lombardo Radice: “Ogni docente, inquanto educatore, nel suo speciale ramo aiuta alla sincerità nell’espressione, cioè, è insegnante di lingua.” “Tutto l’insegnamento, su qualunque materia esso verta. . . costituisce la nostra educazione linguística. Giachè la parola non è senza la cosa, se parlare significa esprimere, e se esprimere è lo stesso che aver chiara coscienza del proprio mondo.” (8)